Ano 18.º Sabado, 13 de Junho de 1925 N.º 882

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
Rua Eça de Queiroz n.º 3 — AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Vida politica

"A espinha dorsal da Republica,,

Depois dos meus artigos aqui publicados denunciando a crise politica que atormenta a vida do Paiz e que agrava todos os seus grandes problemas, os acontecimentos vieram falar por mim e dar o melhor dos comentarios ás minhas palavras destituidas de brilho mas cheias de verdade.

E eu deixei, então, falar os acontecimentos: revolução militar, suspensão de garantias, perseguição á imprensa, atentados pessoais, esterilidade parlamentar, congresso democratico: a crise, sempre a mesma crise!

Sou então profeta? sou então bandarra da politica?

Nada disso. Simplesmente a minha humilde inteligencia, não obscurecida pelo faciosismo nem dementada pela paixão, vê com facilidade a verdade, a verdade politica, a verdade nacional que muitos não querem vêr.

Diz o ditado latino que quando Deus quere perder alguem *dementat prius.*

Mas estes nossos *bons democraticos* não esperam que Deus os endoideça—endoidecem-se eles por suas proprias mãos, vendam eles mesmos os proprios olhos, emborcam sofregamente a poção do desatino e, então, ou como os loucos creem as coisas em fantasmagoria ou como os cegos não enxergam nada e nada querem enxergar!

Pois *vêr* na politica portuguêsa, é facilimo. Basta abrir os olhos.

Mas os senhores preferem a cegueira, a loucura, o suicidio?

Preferem o artificio, o destempero, o disparate, a violencia?

Não querem fazer um pequeno sacrificio das suas vaidades, ambições, paixões, odios, egoismos, maldades?

Como parece, ninguem neste desgraçado Paiz quere moderar-se e aquietar-se, submeter-se á prudencia e ao bom senso, á conveniencia geral e ao interesse nacional?

Persistem todos na sua indolencia ou no seu comodismo ou, como os democraticos, no seu faciosismo?

Continuam os politicos, os do alto e os de baixo, a supôr que a Republica se fez apenas para dar ensejo ás suas tropelias e que a Nação existe apenas para os servir e aturar?

Que um povo pode viver modernamente no atrazo do nosso, na desordem do nosso, na vergonha do nosso?

Passando os dias, os anos, os lustros, os seculos, neste marasmo, nesta decadencia, nesta miseria, nesta vergonha?

Então continuem. Então prosigam. Então não desanimem.

A obra vai linda!

Completem então a sua obra, acabem com isto!

A Nação tem a corda ao pescoço. Sente o laço correndo, o nó apertando. Asfixia? morre?

O partido democratico é que o sabe.

Ele terá de dizer á Historia.

A ele cabem todas as responsabilidades e hão de caber todas as glorias.

Que ninguem lhe roube, pois, a mais pequena parcela de gloria, para que ninguem mais compartilhe da sua tremenda responsabilidade.

Ele quiz-se só. Deixem-o só! Mas deixem-o só nos apertos, nas carrapatas, nas aflições.

Ele correu tudo, escorraçou todos. A todos agrediu, a todos maltratou. Tem-nos agravado a todos, enxovalhado a todos, provocado a todos.

Detentor dos papiros sagrados do republicanismo e dos selos do Estado, excomungou os adversarios e empalmou a governação.

E não descança enquanto não reduzir um povo inteiro, uma nação inteira como esta, que tem 8 seculos de Historia, a um feudo seu e não meter tudo dentro duma comissão politica sertaneja onde mande qualquer vilão que na monarquia caciquista nunca chegou a regedor e onde pontifique o mais obtuso dos analfabetos que se julga *lente* porque sabe o *a b c!*

Vamos, então, todos, todos nós os que quisémos redimir a Patria pela Republica e que estamos perdidos no esconso do nosso isolamento, da nossa desilusão, do nosso ostracismo e da nossa amargura, vamos todos nós, os portugueses que amamos Portugal e temos a consciencia das nossas responsabilidades perante os nossos maiores, perante o mundo de hoje e perante as gerações de amanhã, vamos todos, todos, sem que falte quem quer que seja—que quem faltar é traidor, reacionario, jesuita, monarquico, talassa, covarde, vendido, pulha, biltre!—vamos todos prestar vassalagem ao partido democratico e assistir ao congresso da *espinha dorsal da Republica!*

* * *

Estão de cocoras todos os portugueses?

Estão prontos os que trabalham e não berram, os que pagam e não bufam, os que servem e não repontam?

Os que pensam, os que estudam, os que educam, os que produzem?

Está o exercito? Está a magistratura? Está o funcionalismo? Está o professorado?

Está o chefe de familia, que moireja para os filhos e a mulher que cuida do lar? O operario, o agricultor o comerciante e o industrial?

Está a Nação inteira, o Povo verdadeiro, composto de todos de todas as classes?

Pois então, entremos no Liceu Camões. Estão ali reunidos os *bons republicanos.*

Os *bons,* os *unicos,* os *autenticos!*

Antigos monarquicos? Não importa. Monarquicos somos nós, os antigos republicanos, que lá não podemos estar.

Pois que entre a Nação e curve, humilde, a cerviz e assista.

Aquilo é, como eles dizem e querem, o unico partido de governo, o unico partido republicano, a nata da Republica—a *espinha dorsal da Republica,* como lhe chamou o sr. Teixeira Gomes, numa felecissima imagem que, por certo, o imortalisa.

Ouçam, pois, bem atentos.

A algazarra não deixa ouvir?

Pois é essa mesma algazarra que é preciso ouvir. A Republica do que precisa é de algazarra, de muitos vivas e de muitos morras.

Vaiem e ouçam. A Nação o que pede é bulha e desordem.

Os vituperios mutuos. Os insultos a Cunha Leal. As ameaças e os ultrajes ao bravo Agatão Lança. O rugir surdo contra o comandante da policia. A batalha entre *bonzos* e *canhotos.*

O que a Nação pede em altos brados são *bonzos* e *canhotos.*

E vejam bem. A campanha da presidencia substituida pela bengala do nosso Marques da Costa.

A onda desordenada caindo na mesa dos jornalistas.

A divisão social da propriedade preconisada pelo sr. dr. José Domingos dos Santos.

Os protestos do sr. Antonio Maria da Silva de que não quere ser instrumento da internacional de Moscou.

As mutuas acusações de fraudes eleitorais e de actos repugnantes de caciquismo na eleição do Directorio.

O que a Nação quere, é que exista um só partido e só um partido governe—o democratico!

Leiam o relato dos jornais. E os jornais nunca dizem tudo o que se passa.

Vejam os logares seletos daquela barafunda, daquele destrambilhamento, daquela desorientação onde só meia duzia de afirmações sobrenadam, entre elas as nobres palavras de Domingos Pereira—unica taboa de salvação daquele naufragio politico, e digam-me, depois: se a Republica está ali, mas só ali, que se ha-de pensar da Republica e o que ha-de ser da Republica?

Eia portuguêses, bons republicanos acima, corações ao alto, toque da Portuguêsa, semana da Raça, epopeia lusa: a espinha dorsal da Republica... está atravessada na garganta da Nação que precisa de um tratamento urgente e muito sério!

Ou medecina demorada e paciente ou intervenção, cirurgica muito habil!

Pois se o partido democratico não tiver medicos, a Nação terá de procurar cirurgiões.

Desgraçadamente!

Mas haverá cirurgiões?

Não sei. O que sei é que a crise do partido democratico, que eu denunciára ha muito, porque o conheço muito bem, agrava ainda mais a crise politica que Portugal atravessa e que complica e exacerba todos os seus grandes problemas.

Não creio nos medicos do democratismo. Não vejo cirurgiões no Paiz.

O que toda a gente vê e sabe é que na garganta da Nação está atravessada esta espinha da Republica a que o senhor Presidente chamou—dorsal!

E o que temos, afinal, de constatar é que se a Republica está muito doente da *espinha,* a Nação está seriamente entalada...com o partido democratico, o unico que existe!

Pois—não acreditam?—lamento-o sincerissimamente.

Todos os republicanos o teem de lamentar, porque todos os portuguêses lhe teem de sofrer as dolorosas consequencias!

Alberto Souto.

Excursão a Vizeu

Está sendo organisada com todo o cuidado uma excursão de aveirenses á antiga cidade historica da Beira, onde o nosso grupo de opereta dará dois espectaculos no novo teatro recentemente construido e a Banda José Estevam, que o acompanha, alguns concertos com as melhores peças do seu variado reportorio.

Tanto no dia da chegada como no seguinte efectuar-se-ão touradas em honra dos excursionistas, que devem ser recebidos oficialmente nos Paços do Concelho e na Associação dos Bombeiros Voluntarios antes de serem iniciadas outras visitas a mencionar no programa definitivo, prestes a saír.

A inscripção para este passeio acha-se aberta nos estabelecimentos de Moreira, Gama & Teixeira, Ld., á Rua Coimbra; Barbearia Ideal, na R. do Caes; Sapataria Lé & C.ª, L. 14 de Julho e Tabacaria Moderna, R. Bento de Moura, estando bastante adiantada, e o dia marcado para a partida é o de 5 de julho.

Enfim, livre!

Depois dos protestos, a reconsideração.

Está revogado, na parte que mais afectava o comercio de retalho, o decreto n.º 10.182 sobre o horario de trabalho. Congratulâmo-nos que assim tivesse acontecido porque foi um triunfo alcançado pelos que querem e desejam trabalhar livremente, sem peias de qualquer especie, e ao lado dos quaes nos colocámos defendendo, com veemencia, esse direito nas reuniões da Associação Comercial.

O comercio, como a industria, devem exercer-se á vontade. Não deve haver horas de abrir e fechar estabelecimentos, como não deve haver horas restritas para o trabalho de quem quer produzir, de quem tem necessidade de ganhar honradamente o seu sustento e o da familia.

Temos ouvido que além das 8 horas de trabalho marcadas no regulamento nenhum operario, nenhum caixeiro, nenhum empregado, enfim, poderá continuar ao serviço do respectivo patrão.

Não pode ser. Interpretar assim a lei é um absurdo porque constituiria outro atentado contra a liberdade de trabalho.

As 8 horas vieram em honra de Fontana, e está muito bem, para marcar um limite, não permitindo abusos nem escravisações. As 8 horas vieram para estabelecer um principio como garantia do salario; para definir situações; para estabelecer direitos. Tudo que não seja isto é apertar demasiadamente a hipotese.

Bem sabemos que há aqui um manifesto choque de interesses proveniente dos comerciantes que exercem o seu mister sem empregados e daqueles que o não podem fazer senão com o concurso destes.

Mas que querem? As coisas são o que são e não aquilo que muitas vezes nós desejamos que elas sejam.

Assim como o patrão tem o direito de trabalhar livremente, assim o mesmo direito assiste ao auxiliar desde que lhe paguem, desde que o remunerem, desde que seja compensado devidamente quando dê horas a mais de serviço.

E eis tudo.

E' assim na America, é assim na França, é assim na Inglaterra, é assim em todos os paízes onde o trabalho se exerce para dignificação dos povos e riqueza da terra.

Em Portugal a mesma coisa tem de acontecer para que não nos julguem mal, tornando-nos responsaveis pelo descalabro que aí vai em todos os ramos da actividade humana.

O sr. Comissario

Chega-nos a hora adeantada uma carta narrando um incidente passado á porta duma barbearia da Rua do Caes com o sr. Comissario de Policia, que nos abstemos de publicar optando por pedir á autoridade visada um poucochinho mais de prudencia, de calma, de serenidade sempre que tenha de intervir em algum caso fóra da sua repartição.

A este jornal teem sido feitas inumeras e variadissimas queixas do sr. Comissario, queixas que ouvimos repetir nos estabelecimentos, nos clubs e nos cafés, todas no mesmo tom, chegando até a haver já quem se não conforme com a permanencia do sr. Judice Bicker em Aveiro.

Pela nossa parte lamentâmos ter de abordar este assunto, mas a isso somos compelidos por muitos conterraneos nossos que vêem no *Democrata* o unico jornal capaz de defender os brios desta terra na hora precisa.

Vai tudo, tudo!

Como os nossos leitores devem estar lembrados, do Lazareto de Lisboa desapareceram, sem que nunca se apurasse onde foram parar, nem quem as levou, as louças, vidros, mesas, cadeiras, camas, roupas e até as portas e vidraças, constituindo esse audacioso roubo um dos maiores escandalos da Republica pela impunidade de que gosam os seus autores.

Pois querem agora saber? O descaramento, a desvergonha atingiu um tão elevado grau na sociedade portuguêsa que alguem já apareceu a querer, individualmente, apossar-se do terreno do edificio, tido, noutras épocas, como um dos melhores estabelecimentos do Estado!

O' céus! Por este andar nem os alicerces escapam...

Alegrai-vos, ó gentes!

Entrou no dia 1 do corrente em vigor o decreto n.º 10.537, de 12 de fevereiro, que permite o uso oficial de titulos nobiliarquicos, anulando assim o disposto na Constituição da Republica (art. 3.º, paragrafo 3.º) que os extinguiu, sem restrições.

Alegrai-vos, ó gentes! Que os condes, os barões e os marquezes vão surgir, como os pendurícalhos, para dar mais lustre á bandalheira nacional.

Revivendo o passado

Acha-se definitivamente deliberado que seja nos dias 28 e 29 deste mez a reunião, em Coimbra, do curso de farmacia de 1900 cujas *bôdas de prata* se propõe festejar com grande entusiasmo quer na linda cidade do Mondego, quer no Buçaco onde terá lugar tambem um almoço de confraternisação servido na mata.

A chegada dos *adesivos* ao seio de Minerva, mãe estremosa de todas as creanças de há 25 anos, deve constituir uma impressionante scena de amor filial pelo que se esperam copiosas lagrimas, muitos abraços e a maior comoção no primeiro contacto...

Depois ha-de ser o que fôr e segundo o que dér a massa pilular...

Uma querela?

Ouvimos rumores de que o sr. comissario de policia pensa querelar o ultimo numero de *O Democrata* em virtude da carta do sr. Jorge Cruz Lopes dos Reis nele estampada.

Aguardâmos serenamente.

O Democrata, *vende se na Arcada juntamente com os jornaes de Lisboa.*

Economias

Noticía um telegrama de New-York que os circulos eleitoraes da America do Norte estão muito alarmados com os projectos que se atribuem ao presidente Coolidge, de reduzir o actual efectivo do exercito, de 110.000 homens, por motivo de economia.

Com efeito, o chefe do Estado está na disposição firme de ser util ao seu povo como o demonstram as palavras que vamos reproduzir dum seu discurso, pronunciado em março ultimo, com o aplauso de todos quantos dele tiveram conhecimento.

Disse o presidente:

As despezas do governo, no ano fiscal de 1921 atingiram $.5.538.000.000, ao passo que as do presente ano não ultrapassarão do limite de $ 3.534.000.000, de onde em quatro anos uma redução de $ 2.004.000.000.

A pratica da economia não atrai simpatias, mas os resultados que dela decorrem são vistos com enorme satisfação. Atendam aos resultados conseguidos os que têm por habito escarnecer da economia, os que costumam dizer que isto é poupar a casca do queijo. Os resultados alcançados valem por uma resposta completa e esmagadora a esses criticos.

As verbas votadas pelo Congresso já não são consideradas a soma minima que se tem gastar. Cada dollar poupado por uma administração judiciosa acresce a redução que os impostos podem sofrer no futuro. O que eu tenho em mente é uma economia prática, e é essa economia que nós devemos praticar. Antes quero falar em «peces» e economisa-los realmente, do que falar em milhões e não economisar coisa alguma.

A' medida que o país cresce, é de esperar um aumento razoavel das despezas do governo. Esse acrescimo não deve, porêm, acompanhar passo por passo, dollar por dollar, o simples aumento da receita. Os aumentos necessarios das despezas do govêrno, em consequencia de um legitimo desenvolvimento do país, devem ser compensados pela redução do custo das actividades existentes, pela eliminação de projectos e suspensão de operações que possam ser dispensadas sem gravame para a eficiencia federal.

Se o programa do orçamento fôr mantido pelo Congresso nesta sessão, poderão ser recomendadas novas reduções de impostos no orçamento proximo.

Falo-vos no interesse dos contribuintes. Os interesses deles são os vossos proprios interesses. E' nosso dever servi-los, servi-los bem e com fidelidade. São eles o principal apoio, o principal e unico alicerce do sistema economico deste país. E é reduzindo a carga de tributos que eles suportam, que melhor os poderemos servir.

Não nos desinteressâmos deles nos passados quatro anos e não os desampararemos nos quatro anos vindouros. Esses quatro anos futuros serão anos de uma pressão continua em prol da economia. Não daremos um passo atraz. E' preciso que reduzâmos o custo do govêrno a tal ponto que possâmos reduzir os impostos até ao limite de não serem eles uma carga onerosa para o contribuinte. O nosso dever de fidelidade para com os contribuintes da nação impõe-nos a realisação desse resultado.

Ponham aqui os olhos os que julgam que isto de governar povos é o mesmo que guardar cabras.

O tempo

Junho entrou tristonho, exquisito, mal humorado, com cara de aborrecido. Esta semana, porêm, o calor saíu-se e de tal maneira encomodativo que se chega a ter saudades dos dias frescos.

Em quasi todo o país se registam trovoadas acompanhadas de aguaceiros, não escapando Aveiro, na terça e sexta-feira de tarde, á furia dos elementos, que alguns estragos fizeram, principalmente no edificio do Museu.

A agricultura, dizem os entendidos, é a que mais tem sofrido com semelhante desigualdade de tempo.

"Decipimur Specie Recti"

Depois de várias tentativas que os meus nervos fazem para acalmar o meu espirito e o meu espirito por dominar os meus nervos, sendo, afinal, tudo, uma e a mesma coisa, nervos e espirito a parte dominante deste envolucro animal chamado homem, que, tendo pernas para andar, (e, muitas vezes, para dar o seu pontapé) tem igualmente braços, nas extremidades dos quaes pendem duas mãos, que muitas vezes, precisavam ser cortadas, visto a maioria dos crimes serem praticados com elas, não obstante haver casos em que a mão é indispensavel: quando distribue caridosamente a esmola ao pobre, ou, quando, fazendo o penso ao ferido, lhe minora a sua dôr. Outros ha, porêm, em que a mão é o mais perigoso agente de destruição. E' com as mãos, muito especialmente, que se fabricam as bombas e se arremessam desapiedadamente, quantas vezes, contra creaturas inofensivas. E' com este mesmo agente que se fazem os decretos, quantas vezes tambem, os unicos portadores da dissolução duma sociedade em principio de decomposição.

E' do dominio publico, pelo menos do grande publico que pensa e produz, aumentando diariamente, não direi bem a sua fortuna, mas, uma parcela do património nacional, de que apenas é detentor; é do dominio publico, diziamos, que a nossa nacionalidade, correndo um grande perigo, diariamente apontado das tribunas parlamentares, pela sua finança depauperada, devido, em grande parte, á má politica, consequencia absoluta dos maus politicos, se acha em risco de perder-se. E' do dominio publico ainda que, verdadeiras quadrilhas estabelecidas junto dos cofres do Estado e, por conseguinte, do patrimonio de todos nós, assaltam em pleno dia, com a desfaçatez propria dos seus carateres, o produto dos que honradamente trabalham pagando pontualmente as suas contribuições ao Estado, não se contentando em só despojar esses cofres do recheio que representa os legitimos haveres do Povo, como ainda, descaradamente, vão colocar ao abrigo do estrangeiro o produto desses roubos que, sendo o suor do operario, é instilado para esses cofres das mãos da Industria e da Agricultura.

A Industria e a Agricultura, sim, que são duas grandes classes que trabalham sem descanço, com a actividade própria de quem, querendo vencer, engrandecem este paiz onde os nulos ditam leis inexequiveis e os tubarões medram com manifesto prejuizo da economia nacional.

Não posso, por isso, e nesta hora, deixar de lavrar o meu veemente protesto contra o inicuo decreto da regulamentação do horario de trabalho, proibindo-o. E' uma proibição completa e por consequencia uma absoluta negação aos mais rudimentares principios da moral universal.

E' pelo trabalho constante que o mundo tem caminhado e caminha, para a civilisação e para o progresso.

Foi por ventura com 8 horas de trabalho por dia que o grande sábio dinamarquez Dr. Moolgard descobriu a Sanocrisina contra o bacilo de Kock? Não foi, decerto, com 8 horas de trabalho, mas sim com anos e anos de aturado estudo, de constante e aturado estudo, massacrando o cérebro, a inteligencia que ele chegou ao almejado fim de benemerencia humanitaria. Ford, o grande industrial norte-americano e tantos outros, deixarão de trabalhar um minuto sequer? Não deixam, decerto, considerando o proprio sono uma leve tranzição entre o dia passado e o dia que vai seguir-se, portanto, como fazendo parte integrante dum trabalho constante e proficuo.

Não podem caminhar na vanguarda aqueles que, fazendo várias etapes na sua vida, frequentando casas de depravação e vicio, jogando e malbaratando o que na vespera amealharam, causam arrelias e desordens no lar. Retrocedem e, então a esses beneficia-os o decreto, permitindo-lhes tempo para provocarem a desgraça da familia.

E' justo que o operario, deixando de ser um escravo do capital, tenha a liberdade propria dos homens que, sabendo conduzir-se, saiba impor-se, pelas suas faculdades de trabalho aliadas á sua inteligencia, ou, por essas mesmas faculdades aliadas a uma força de vontade persistente, posta ao serviço do capital que nunca regateou ao merecimento uma retribuição condigna.

O operário impõe-se pelo seu porte honesto. O operario honrado e cumpridor dos seus deveres, não precisa da protecção que os politicos fingem emprestar-lhe com as leis que mascaradamente fazem publicar em seu favor e representam um aviltamento para aqueles que delas teem de servir-se para impôr os seus direitos. O operario que se impõe por si proprio, triunfa, sóbe sem auxilios sejam de que natureza forem.

Concordando plenamente com o limite de horas de trabalho para o efeito de ser estabelecido o salário, concordo ao mesmo tempo que as subsequentes sejam pagas em duplicado. Com o que não posso concordar nem concordam, decerto, a maioria dos industriais e dos operarios é com o decreto imoral que proíbe o trabalho.

Porque me é vedada a pratica desta grande religião—o trabalho? Que outros exemplos devo dar a meus filhos e a quantos estão sob o dominio dos meus ensinamentos? Por que me é vedado trabalhar?

E' esta lei, de protecção para aqueles que, julgando-se ao seu abrigo, se julgam felizes? Não é, infelizmente, e isso se constata todos os dias pela anarquia que paira nos sentimentos dos homens. A desordem impera em tudo onde falte o amor, onde domine o amor, onde o trabalho quotidiano e persistente não seja considerado oração bendita. Até durante o sono o trabalhador se distingue do que o não é, por que o sono daquele é calmo e suave como tudo o que dele depende.

Nos ministerios, nas secretarias do Estado, como no Parlamento e na maioria das repartições, impera a mais autentica desordem. Não ha ordem em Portugal, dizem-no estrangeiros e nacionaes. Direi eu, que nem tudo é desordem neste desgraçado país onde o vandalismo e o banditismo assentou arraiais. Restam-nos dois esteios, dois poderosos esteios que é dificil destruir—a Agricultura e a Industria, irmanadas, unificadas para um fim: a salvação da Patria, apoteose a que chegarão pelo Trabalho representado pelo Operario.

Degladiem-se os politicos, mas não fechem as fabricas e não deixe de arrotear a terra o arado bendito e Portugal caminhará, caminhará sempre, antepondo-se á desordem suscitada pela quadrilhagem.

Decipimur Specie Recti.

4—6—1925. **A. L.**

Festas camoneanas

Decorreram com brilho as festas em honra de Camões levadas a efeito no Liceu Central de Vasco da Gama pela nossa academia com o concurso do professorado e que hoje devem terminar pela realisação dum baile na sala da biblioteca para o qual foram distribuidos numerosos convites.

Do programa ha a salientar a sessão solene do dia 10 presidida pelo sr. Governador Civil e a festa da noite na cerca do liceu profusamente iluminada a electricidade.

Na sessão solene falaram o digno reitor, nosso presado amigo dr. Alvaro de Moura, a quem Aveiro deve muitissimo pela actividade desenvolvida na transformação do estabelecimento de ensino a seu cargo, hoje um dos primeiros do país, o presidente da academia, sr. Antonio Vicente e por ultimo o sr. dr. Hernani Cidade, professor ilustre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que, dissertando sobre o maior poeta da raça lusitana, prendeu a atenção do selecto auditorio de forma a colher, no fim, aplausos prolongados.

O concerto pela banda do 24, á noite, magistralmente regida pelo tenente Manuel Lourenço da Cunha e a exibição do rancho infantil com os seus bailados e canções, atraíu ao recinto do liceu numeroso publico, que só retirou bastante tarde deveras satisfeito pelo tempo passado em tão belo recreio.

A quermesse, em beneficio da Caixa Escolar, rendeu bastante assim como o *restaurant* e casa de chá, cujo aviamento era feito por gentis meninas que se prestaram a colaborar na atraente festa, servindo a escolhida clientela.

Temos ainda a parada de ginastica, os jogos e provas desportivas e a exposição de trabalhos escolares que mereceram, com especialidade esta, a atenção e o elogio de quantos a visitaram.

Enfim: a festa de Camões marcou este ano entre nós, sendo dignos do maior encomio aqueles professores e alunos, que, em perfeita comunhão de ideias, concorreram para o seu bom exito revestindo-a da maxima solenidade.

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra.........	98$25
Franco	1$04
Dollar.........	20$25

Congresso do P. R. P.

Os democraticos reuniram mais uma vez em congresso realisado na capital nos dias 6, 7 e 8 do corrente, congresso que terminou pela eleição dum novo directorio depois de acaloradas discussões e, por vezes, extraordinaria agitação, tudo por amor á Patria e á Republica.

A vitoria eleitoral, segundo os jornaes coube ás *direitas* chefiadas pelo sr. Antonio Maria da Silva. No entretanto, o sr. José Domingues dos Santos, chefe das *esquerdas*, entrevistado pelo *Diario da Tarde*, declarou ao jornalista:

«As minhas ideias triunfaram em todas as sessões do Congresso. Os meus principios venceram em todas as votações. Tive a maior ovação que ali se fez. Viu-se que a grande massa do partido, aquela que dá a vida pela Republica, nas horas de perigo, estava a meu lado. Nesses termos, para que diabo havia de sair do partido?

—Mas a eleição para o directorio foi desfavoravel...

—Realmente, no final do Congresso, deu-se um golpe teatral: houve uma estranha mutação de scena. Nessa altura, por um misterio que ainda ha-de desvendar-se, triunfaram os homens dos monopolios; venceu o dinheiro; mas enfim...

—Enfim o quê?

—Largos dias teem cem anos. A derrota de ontem ha-de transformar-se amanhã em estrondosa vitória. Afirmo-lho eu, que não sei o que é desanimar.

—Vai então começar a luta?

—Está claro. Agora mais do que nunca.

E andamos nisto ha uma porção de anos, sem haver maneira de meter na ordem os politicos que só pensam nas suas pessoas em detrimento dos interesses da nação.

Depois não querem ser corridos á força...

Necrologia

A classe tipografica acaba de perder mais um dos seus membros, que no sabado se finou vitimado por antigos padecimentos, ultimamente agravados.

João Teles se chamava o infeliz, cuja edade devia regular por 42 anos, sendo solteiro. Trabalhou alguns anos no nosso jornal onde deixou saudades pela honestidade do seu porte, assim como nas outras casas que serviu fazendo uso da profissão.

As horas de descanso, dedicava-as, em parte, ao teatro, de que era amador chegando a representar algumas vezes.

O abuso do alcool, porêm, cedo começou a depauperar-lhe o organismo, motivo por que lhe sobreveio o sofrimento e por fim a morte.

Lamentando o triste desenlace, que ha muito previamos, daqui acompanhamos a familia de João Teles no desgosto causado por tão prematura fatalidade.

O sabugismo

Apezar do manifesto desprezo que o sr. dr. Afonso Costa tem mostrado pelos interesses publicos e pelo bom nome da Republica desde que foi obrigado a abandonar o poder, os congressistas democraticos não só o reelegeram para o directorio como correligionarios há que se preparam em Lisboa para o eleger tambem deputado a vêr se o seu antigo *leader*, com todas estas blandicias, se comove e vem.

Mas isso, sim. O sr. Afonso Costa pegou de estaca em París e já de lá não sae.

Querem apostar?

Quermesse do liceu

A secretaría do liceu faz público que as contas referentes a fornecimentos e mão de obra são pagas dentro de 8 dias a contar da data desta publicação. Avisam-se, por conseguinte, as pessoas interessadas.

Aveiro, 12 de Junho de 1925.

Uma visita

De Pombal é-nos comunicada pela direcção da *Tuna Pombalense 1.º de Maio* a vinda duma excursão a esta cidade, com o fim não só de conhecer e apreciar as belêsas naturais da região, como ainda de estreitar as relações entre as duas terras, no que apenas nos dá imenso prazer tão cativante distinção.

O comboio especial deve chegar cerca das 9 horas, contando-se que o numero de excursionistas seja bastante elevado por ser a primeira vez que muitos deles aportam á terra dos *ovos moles*, dos canaes venezianos e das marinhas de sal.

Isto no dia 17.

Dirigimos-lhe antecipadas bôas-vindas.

Novo talho

Nos baixos da casa que foi pertença do falecido Visconde da Silva Melo, á Rua Eça de Queiroz, está, desde o fim da semana pretérita, instalado um novo talho de que é proprietario o sr. José Nunes Freire.

Este estabelecimento torna-se muito vantajoso para a area que se propõe servir do lado sul da cidade.

S. João

Vai ter este ano festa rija, no Jardim Público, ónde, quer no dia 23 quer no dia 24, á noite, se efecturão deslumbrantes iluminações, havendo tambem descantes populares, musica, fogo de Viana e muitos outros atrativos tendentes a chamar ao recinto a população da cidade.

O produto das entradas reverterá em beneficio do Hospital da Misericordia, empenhando-se os que se acham encarregados de elaborar o programa dos dois festivais por apresentarem alguns numeros ineditos de modo a despertarem sensação e interesse.

A cascata tradicional que não esqueça,para entretenimento da petizada e regosijo dos velhos agora entregues ás recordações do passado.

Rectificação

Dissemos no numero passado que o produto da venda de pescaria que reverteu a favor do hospital fôra de 221$50 quando o apuro foi apenas de 201$50, como nos informa pessoa autorisada.

Desculpem o engano.

Notas Mundanas

Teve o seu bom sucesso, dando á luz um menino na preterita terça-feira, a sr.ª D. Fernanda Ferreira da Silva, dedicada esposa do sr. dr. Americo de Oliveira.

Aos paes do neofito e a seu avô, o nosso velho amigo e correligionario, sr. José Casimiro da Silva, distinto professor e director da Escola Primaria Superior, com os nossos parabens o ardente desejo de vermos cercado o recem-nascido das maiores venturas.

—Encontra-se bastante doente o sr. Augusto Pereira de Freitas, empregado dos correios aposentado.

--Fez ontem anos o sr. Manuel Ferreira Lavrador, empregado na casa bancaria do Porto, Pinto & Souto Maior e hoje fa-los o nosso conterraneo, sr. Vasco Soares, ausente em Loanda.

—Passa tambem ámanhã o aniversario da menina Maria da Apresentação Mendonça, interessante filha da sr.ª D. Alice Mendonça.

Estradas

Sôbre este assunto temos em nosso poder uma carta do sr. Duarte Rocha Vidal, de Vagos, que nos é impossivel inserir hoje, do que lhe pedimos desculpa.

Irá no proximo numero.

Recita em beneficio do Hospital de Aveiro

Estando a proceder-se á cobrança dos bilhetes ainda não pagos, roga-se o especial obsequio de se dirigirem ao estabelecimento do sr. Manuel Moreira, na Rua Coimbra, que está encarregado de fazer aquela mesma cobrança.

Desde já agradece o

Provedor da Santa Casa da Misericordia

Lourenço Peixinho